

Diário Económico 28-08-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Bolsa
	Classe:	Economia/Neócios	Dimensão:	1136
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	21862	Página (s):	34/35

Metade das acções do PSI 20 já recuperaram do colapso do Lehman

Trauma vivido na bolsa nacional depois da falência do banco de investimento norte-americano está praticamente ultrapassado.

Rui Barroso

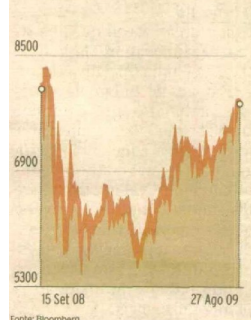
Quase doze meses. Foi o tempo que demorou para que metade das cotadas do PSI 20 conseguisse regressar ou ultrapassar os valores a que cotavam a 15 de Setembro, data em que os mercados financeiros ficaram em estado de choque com a falência do Lehman Brothers.

Para além de dez cotadas já apresentarem ganhos ou prejuízos inferiores a 2% desde o pico da crise, o próprio PSI 20 aparenta ter as feridas cicatrizadas. Desde o colapso do banco de investimento, o índice leva uma desvalorização ligeira de 3%, o que compara com a queda de 30% acumulada entre 15 de Setembro e o início de Março. "Uma grande parte do valor descontado às acções deveu-se ao risco de um colapso global das instituições financeiras. Mas esse risco desapareceu e a pouco e pouco integraram-se perspectivas menos negras nos preços", referiu ao Diário Económico o administrador da gestora Optimize, Diogo Teixeira.

Durante esta semana, metade das cotadas conseguiu regressar a níveis semelhantes ou superiores aos que negociavam aquando da falência do gigante e o PSI 20 testou durante a sessão de ontem os 8.000 pontos, valor com que entrou na "tempestade" Lehman. Para além disto, apenas quatro títulos

O PÓS-LEHMAN DO PSI 20

Evolução do índice desde a falência do Lehman Brothers, a 15 de Setembro.



apresentam prejuízos de dois dígitos: BCP, Zon Multimédia, Galp e BES. Recorde-se que, no início de Março, a ressaca provocada nos mercados pelo tombo do gigante, levou a que 17 acções do índice apresentassem prejuízos superiores a 20%. "O colapso do Lehman Brothers foi o epicentro da crise financeira. O mercado já vinha em queda mas foi depois da falência que se observaram as descidas mais abruptas", explicou Miguel Albuquerque, gestor de activos do Banco Carregosa.

Sonae e Altri acumulam ganhos superiores a 30%

A viragem nas bolsas ocorreu em Março. Desde essa o PSI 20 escalou 35%. A recuperação levou a que títulos como a Sonae e a Altri tenham actualmente um valor 35% superior ao que registaram no dia da falência do Lehman. Já a Cimpor e a EDP Renováveis valem agora mais 24% e 17% do que naquela segunda-feira de Setembro que congelou os mercados.

Para Miguel Albuquerque, a mudar o sentimento nos mercados estiveram vários factores: "As acções negociavam com avaliações atractivas. Houve alguns sinais positivos vindos de dados macro-económicos e de resultados empresariais. Por outro lado, a entrada de grandes investidores sinalizou um certo exagero no desconto que o mercado estava a aplicar às acções". ■

O ANTES E O DEPOIS

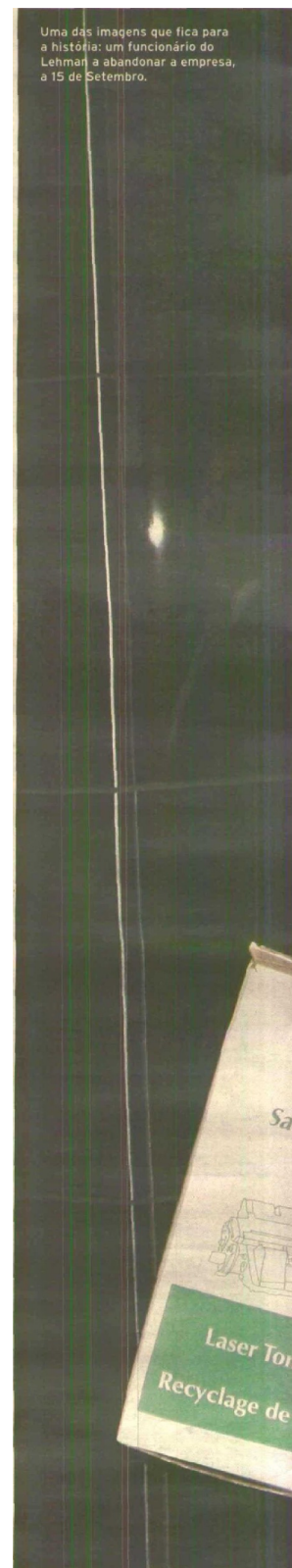
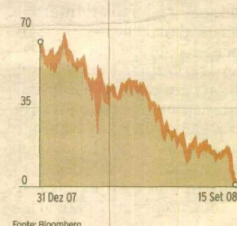
- A Sonae e a Altri lideram os ganhos no PSI 20 desde a falência do Lehman Brothers. A 'holding' subiu 35,61%, enquanto a Altri apreciou 34,75%.
- A Cimpor e a EDP Renováveis também apresentam ganhos de dois dígitos. Valorizaram 23% e 16,14%, respectivamente.
- A Teixeira Duarte aproveitou a recuperação das bolsas para apagar as perdas pós-Lehman. Sobe 8,56%. Já a PT consegue uma valorização de 2,64%.
- A REN foi a única acção do PSI 20 que conseguiu resistir ao período negro nas bolsas entre Setembro e Março, subindo 8% nesse período. Desde a falência do Lehman ganha 1,56%.
- Apesar de terem fechado a sessão de ontem a perder mais de 1% face a 15 de Setembro, a Mota-Engil, a Sonae Indústria e a EDP já conseguiram, esta semana, atingir os níveis a que negociavam aquando do colapso do Lehman.

O dia em que Wall Street ficou em estado de choque

15 de Setembro de 2008. O mundo acordou com a notícia da falência do gigante Lehman Brothers. Depois de bancos como o Bear Stearns terem sido salvos com o patrocínio do Estado, o então secretário do Tesouro, Henry Paulson, deixou a instituição liderada por Dick Fuld cair. A falência colocou os mercados financeiros em estado de choque, e marcou o pico da crise financeira e aquilo a que muitos analistas referiram como

o fim de uma era em Wall Street. Os mercados de crédito paralisaram, as cotações de quase todas as classes de activos caíram a pique. Com a ausência de liquidez e o receio instalado, o sector bancário deixou de emprestar dinheiro entre si e o resto é sabido. As economias mundiais foram atiradas para a pior recessão económica desde a II Guerra Mundial e tentam agora, a custo e com a injeção de biliões, regressar ao crescimento.

A cavalcada final do Lehman Brothers em bolsa



Diário Económico 28-08-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Bolsa
	Classe:	Economia/Neócios	Dimensão:	1136
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	21862	Página (s):	34/35

